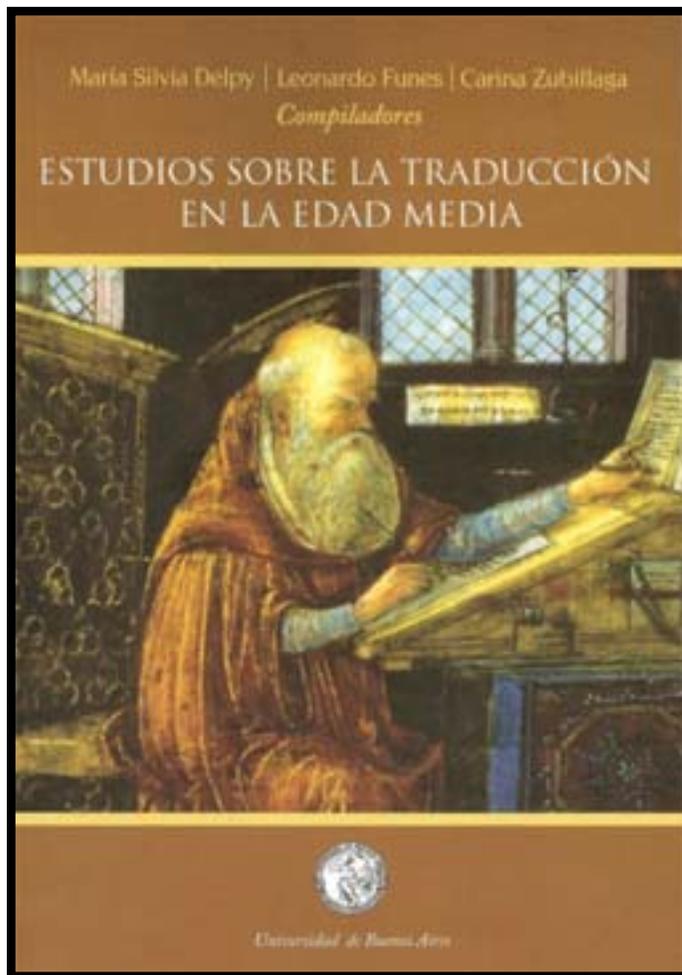


María Silva Delpy, Leonardo Funes, Carina Zubillaga, compiladores. *Estudios sobre la Traducción en la Edad Media*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2009. 156 págs. ISBN: 978-9871450435

Reviewed by Carlos Pio
University of California, Santa Barbara



O presente volume reúne um conjunto de ensaios dedicado à teoria e prática da tradução na literatura medieval francesa e castelhana, resultado de um projecto de investigação da Universidade de Buenos Aires. Uma introdução (11-22), os estudos propriamente ditos (23-138) e as referências bibliográficas usadas em todos os ensaios (139-56) constituem o volume.

A introdução oferece, em primeiro lugar, uma descrição sumária de cada ensaio e, em segundo, algumas considerações sobre a tradução tendo em conta os seus aspectos técnicos, a especificidade de cada língua, a transferência de valores culturais, o aspecto filológico da tradução (ou seja, qual o grau de fidelidade do texto traduzido relativamente ao original), e especialmente a

componente histórica da tradução medieval. Este conjunto de ensaios parte da premissa de que “la consideración histórica de la traducción medieval se impone por la simples comprobación de que la noción de traducir es una noción histórica: en la medida en que las traducciones envejecen –y por ello no sirven a los valores culturales de todas las épocas–, cada época debe retraducir los textos que constituyen su herencia” (13). E é efectivamente neste terreno no qual o presente volume procura trazer novas contribuições já que “en el enfoque de la especificidad histórica del fenómeno de la traducción, en el trazado de sus perfiles histórico-culturales concretos,

en ese campo es posible iluminar el sentido de esta pequeña parcela del quehacer humano y su relevancia en el conjunto de la producciones simbólicas de una cultura determinada. Allí todavía quedan cosas por decir” (12).

Com o objectivo de “aportar a una reflexión teórico-metodológica sobre las investigaciones en esta materia” (23), o primeiro ensaio (‘Las investigaciones sobre la actividad traductora en la Edad Media castellana y los estudios de traducción’, 23-31), de Juan Héctor Fuentes, abre com um balanço de vários estudos sobre a tradução na Idade Média desde os finais dos anos 80 do século passado até hoje, e termina com algumas propostas de análise a ter em conta em estudos futuros.

De seguida, os dois ensaios de Leonardo Funes ocupam-se de textos produzidos na corte de Afonso X, que foi sem dúvida um dos cenários ibéricos mais activos em termos de tradução e circulação de textos literários e não-literários em romance castelhano. No primeiro (‘El camino de regreso de Babel al Éden: presupuestos de la actividad traductora en la corte alfonsí’, 33-45), são analisados três episódios da *General Estoria* observando o modo como se organizavam os tradutores afonsinos quanto a critérios e intenções de tradução e/ou adaptação. O segundo ensaio (‘Mutaciones textuales del relato histórico: la traducción del *Toledano* en la *Estoria de España* de Alfonso X el Sabio’, 47-59) detém-se nas características de uma técnica da tradução (a amplificação de tipo p.ex. explicador e actualizador), e usa como exemplo o cotejo de um excerto da crónica hispano-latina *De Rebus Hispaniae* (ou *Historia Gothica*) com a sua tradução castelhana.

Outras técnicas de tradução, como a alteração e a abreviação, são contempladas por Carina Zubillaga (‘Una santa emperatriz (Ms. Esc. h-I-13): un particular caso de traducción medieval en un códice del siglo XIV’, 61-78) ao examinar a relação entre um poema narrativo francês do séc. XIII, escrito por Gautier de Coincy, e a sua adaptação para castelhano.

Os dois ensaios que se seguem analisam, por um lado, o grau de reescrita de prosificações do século XV feitas na corte de Borgonha a partir de dois romances em francês antigo e, por outro, em que medida essa reescritura é condicionada por transformações formais e ideológicas. Assim, Lidia Amor (‘Chrétien de Troyes en el siglo XV: la prosificación de *Cligès* en la corte de Borgoña’, 79-110) dedica-se ao tratamento do romance *Cligès*, de Chrétien de Troyes, na sua prosificação *Livre de Alixandre empereur de Constantinoble et de Cligès son filz*. Por seu turno, o objecto de análise do ensaio de Ana Basarte (‘Tradición y traducción: la versión en prosa del roman de *La Manekine*’, 111-25) é uma *mise en prose* do romance de *La Manekine*, composta por Jean Wauquelin.

O estudo de María Silvia Delpy (‘Melusina de Lusignan: un trayecto de cambios y variaciones’, 127-38) encerra este conjunto de ensaios. Nele, a Autora apresenta indícios intratextuais e circunstâncias externas que explicam e tornam mais clara a difusão do *Roman de Mélusine* na Península Ibérica no que diz respeito a duas traduções em castelhano do original francês.

Estes *Estudios sobre la Traducción en la Edad Media* interessam, em suma, não só ao especialista em temas de tradução medieval francesa e castelhana, mas também a quem estude as restantes literaturas românicas onde os mesmos fenómenos literários tiveram expressão. No caso português, os trabalhos que Leonardo Funes leva a cabo têm a vantagem de poderem sair do âmbito do presente volume e serem aplicados a estudos que digam respeito à prática da tradução de textos provenientes da corte afonsina em outros domínios românicos e, em concreto, à questão da adaptação para português das *Siete Partidas*, sobretudo num período em que se conhecem cada vez mais testemunhos deste texto em Portugal.

Com efeito, após a identificação feita por Harvey L. Sharrer (Askins et al.), em 1997, de um fragmento português do século XIV da *Quinta Partida*, proveniente da Colegiada de Santa Iria de Santarém (e hoje em Lisboa, na Torre do Tombo), também Pedro Pinto identificou em 2008, no fundo do Mosteiro de Alcobaça da Torre do Tombo, um outro fragmento, também datável do século XIV, de uma tradução portuguesa das *Siete Partidas*, desta vez da *Terceira Partida* (5). Ora, o facto de conhecermos ainda mais traduções das *Siete Partidas* não acrescenta nada de novo, pois apenas confirma aquilo que já sabíamos há muito: a ampla divulgação daquele texto em Portugal. É necessário, agora, reavaliar o estado dos nossos conhecimentos à luz das relações entre os novos testemunhos e aqueles que já conhecíamos, e, retomando os trabalhos de Leonardo Funes, compreender os moldes em que foram executadas estas traduções do castelhano. Não esquecendo os trabalhos de José de Azevedo Ferreira sobre este tema, a observação da totalidade dos testemunhos (fragmentários e completos) agora conhecidos do corpus afonsino em português permitirá uma análise de variados aspectos –paleográfico, codicológico, legal, entre outros– que trarão novos indícios acerca da utilização das *Siete Partidas* fora do espaço castelhano. E seguramente que a comparação das traduções portuguesas com o original castelhano nos permitirá entender ainda melhor os mecanismos dessas traduções, considerando p. ex. as omissões, as adições e as adaptações do texto à realidade do direito português.

É à luz da adaptação de um texto a uma nova realidade que podemos contemplar a elaboração de outro texto também igualmente importante da Idade Média portuguesa: a *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Um exame atento ao lugar dos manuscritos portugueses na tradição castelhana –e seguindo as conclusões de Luís Filipe Lindley Cintra– revela que aqueles apresentam alterações significativas (p.ex. inserção de fontes e relatos) com o objectivo de exaltar o primado da dinastia portuguesa na edificação da história hispânica.

A necessidade dar especial atenção à prática da tradução como uma modalidade de reescrita do texto medieval –onde são contempladas as noções de autor, tradutor, leitor/intérprete, traslado e *variance*– estende-se também ao domínio dos textos literários. Se pensarmos na recepção da história de Alexandre Magno na Europa ocidental e concretamente em Portugal, conhece-se hoje uma tradução em português do texto italiano, que se encontra no manuscrito 52-XIII-24 (BITAGAP, Manid 2998)

da Biblioteca da Ajuda (Lisboa), e cuja comparação com a versão castelhana, italiana e francesa actualizará com certeza os nossos conhecimentos sobre as vias de transmissão deste romance na Europa.

Outro exemplo é o da literatura de tema arturiano. Habitados a conceber as aventuras do rei Artur como um fenómeno centralizado na Inglaterra e na França medieval, podemos actualmente apreciar uma literatura que conheceu êxito, quer naqueles países, quer em áreas periféricas como Itália, Castela, Catalunha e Portugal a avaliar pela quantidade de textos que se multiplicou profusamente ao longo dos séculos em cópias, remodelações e inúmeras referências. Hoje, de facto, vemos de forma mais segura o modo como os ciclos franceses da Vulgata e da Post-Vulgata foram incorporados nas traduções portuguesas e castelhanas, e até como estas traduções podem, em muitas das vezes, conter variantes textuais que reconstroem originais de que hoje se conhecem apenas fragmentos e que, sem dúvida, se revelam fundamentais no estabelecimento crítico do texto.

Foi assim que, na sua edição da *Queste del Saint Graal* e da *Mort Artu* da Post-Vulgata, Fanni Bogdanow se serviu de determinadas secções textuais dos testemunhos ibéricos (português e castelhano) da *Demanda do Santo Graal* com vista a preencher lacunas do original francês. E, não há muito tempo, Aida Fernanda Dias identificou um *Livro de José de Arimateia* português –tradução do romance original francês *Estoire del Saint Graal*– num fragmento bifólio do Arquivo Distrital do Porto, descoberto em 1992 por Nuno Guina Garcia. O novo fragmento, datável do século XIV, é o mais antigo testemunho do *Livro de José de Arimateia* e foi objecto de um estudo de Aida Fernanda Dias, que examinou o seu grau de correspondência com o códice 643 da Torre do Tombo (o qual conserva a totalidade da tradução portuguesa) e com determinados testemunhos franceses.

Em conclusão, os diferentes estudos reunidos neste volume trazem novas respostas e modelos de abordagem quanto às afinidades entre original e texto traduzido num espaço que não é exclusivo da literatura castelhana e francesa. Acima de tudo, este volume afasta de vez o preconceito de que a literatura românica se resume apenas à tradução e promove esta prática como um fenómeno a ser entendido na sua totalidade e complexidade linguística, cultural e histórica. E, a propósito, dizem os Autores deste volume que “desde un punto de vista histórico-literário, tenemos que, en un sentido amplio, la traducción es un factor de primordial importancia en el proceso de emergencia de una nueva literatura y, de hecho, constituyó el estadio fundacional de la escritura culta en lengua vernácula en todo el ámbito de la Europa occidental. Este enfoque permite desmitificar los orígenes (idealistas y absolutos) de las literaturas europeas modernas de acuerdo con la concepción romántico-nacionalista. Los comienzos modernos de las letras europeas fueron modestos ensayos de incorporación de modelos prestigiosos a los moldes de una nueva lengua en su lucha por optimizar su función estética. Un proceso complejo en el que la traducción significó al mismo tiempo la absorción y asimilación de formas y contenidos externos tanto como la

ruptura de los límites de la lengua propia, su puesta en crisis y su proyección a la universalidad” (17).

Obras citadas

- Askins, Arthur L-F., Aida Fernanda Dias, & Harvey L. Sharrer. *Fragmentos de Textos Medievais Portugueses da Torre do Tombo*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais, Torre do Tombo, 2002.
- BITAGAP (Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses)*. Em <http://sunsite.berkeley.edu/PhiloBiblion/portuguese.html>.
- Bogdanow, Fanni, ed. *La version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*. Tome I – Introduction. Paris: Société des Anciens Textes Français, 1991.
- Cintra, L. F. Lindley, ed. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: IN-CM, Academia Portuguesa da História, 1951. Vol. I (reed. 1983). [Reimpressão em *Crónica Geral de Espanha de 1344*. A Coruña: Ediciones Boreal, Xuntanza Editorial, 2007. Ed. Facs. Vol I: Texto, vol. II: Estudo.; & em L. F. Lindley Cintra, ed. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: IN-CM, 2009.]
- Dias, Aida Fernanda. “A Matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo”. *Revista Portuguesa de Filologia (Miscelânea de Estudos In Memoriam José Gonçalo Herculano de Carvalho)* 25 (2003-20006): 145-221.
- Pinto, Pedro. “Um novo fragmento português medieval da *Terceira Partida* de de Afonso X”. *Boletim da Direcção Geral de Arquivos* 8 (2009): 5.